



## 10. O “PRÍNCIPE ELETRÔNICO”: ENTRE OS MITOS, A LINGUAGEM E OS REGIMES DE PODER

**SESSÃO - 04**

*Vladimir L. Santafé\**

### **Resumo**

Este artigo dialoga com o conceito de Octavio Ianni que pressupõe uma efetivação do poder temporal do *príncipe* maquiaveliano nas malhas da mídia atual.

O *príncipe* é aquele que possui a *virtú*, “o poder de efetuar mudanças e controlar eventos”, que inventa ou desenvolve essa *virtú*, além de se empenhar em desvendar as tramas, os jogos de força, que constituem essa *virtú*. Em outras palavras, o *príncipe* é aquele que articula as relações políticas e econômicas, ligando-as à hegemonia cultural ou *superestrutural*, da produção e da concentração dos signos que formam a cultura. A citação de Marx acima não foi por acaso, pois na essência de sua produção, reside o *misticismo do mundo das mercadorias*, e a formação de *ideologias* inseridas e constituintes do mundo capitalista.

**Palavras-chave:** resistências; mídia alternativa; hegemonia; movimentos sociais

### **Résumé**

Ce document examine le concept d’Octavio Ianni, qui exige une prise de conscience du pouvoir temporel du prince machiavélien dans les griffes des grands médias.

Le Prince est celui qui a la *virtù*, «le pouvoir de faire des changements et des épreuves sur piste» qui invente ou développe cette *virtù*, et s’efforce de découvrir l’intrigue, les jeux de pouvoir qui composent cette *virtù*. En d’autres termes, le prince est celui qui articule les relations politiques et économiques, en les reliant à l’hégémonie culturelle ou la superstructure, la production et la concentration des signes qui constituent la culture. La citation de Marx ci-dessus n’est pas un hasard, parce que l’essence de sa production, est la mystique du monde des produits de base et la formation des idéologies et des circonscriptions entré dans le monde capitaliste.

**Mots-clés:** résistance; les médias alternatifs; d’hégémonie; les mouvements sociaux

\* Formado em Filosofia pela UERJ e Cinema pela UNESA. Mestrando em Comunicação Social (Tecnologias e Estéticas da Comunicação) pela ECO-UFRJ



## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

“Todo misticismo do mundo das mercadorias, toda magia e fantasmagoria que enevoa os produtos de trabalho na base da produção de mercadorias, desaparece, por isso, imediatamente, tão logo nos refugiemos em outras formas de produção”. MARX, 1985

### Apresentação

Este artigo dialoga com o conceito de Octavio Ianni que pressupõe uma efetivação do poder temporal do *príncipe* maquiaveliano nas malhas da mídia atual. O *príncipe*, segundo o autor, são:

“Todos aqueles que batalham o público e o privado, a ordem e o progresso, a tradição e a modernidade, a vocação e a missão, a soberania e a hegemonia, a biografia e a história, o literal e o metafórico”. (IANNI, Octavio, 2003, p. 141)

O *príncipe* é aquele que possui a *virtú*, “o poder de efetuar mudanças e controlar eventos”, que inventa ou desenvolve essa *virtú*, além de se empenhar em desvendar as tramas, os jogos de força, que constituem essa *virtú*. Em outras palavras, o *príncipe* é aquele que articula as relações políticas e econômicas, ligando-as à hegemonia cultural ou *superestrutural*, da produção e da concentração dos signos que formam a cultura. A citação de Marx acima não foi por acaso, pois na essência de sua produção<sup>1</sup>, reside o *misticismo do mundo das mercadorias*, e a formação de *ideologias* inseridas e constituintes do mundo capitalista.

Mais do que isso, como citado por Octavio Ianni, “o moderno príncipe se revela capaz de construir, realizar e desenvolver a hegemonia de um projeto de Estado-Nação, envolvendo a organização, o desenvolvimento ou a transformação da sociedade (...) Ele deve ser um organismo complexo e concretizar a vontade coletiva”. (*O Príncipe Eletrônico* in: *Enigmas da Modernidade*. IANNI, Octavio, 2003, p. 149)

O moderno *príncipe* é aquele que, além de alterar e manipular as consciências, direcionando as relações políticas e econômicas de uma sociedade, desafiando os clássicos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, *satanizando* movimentos e partidos, também deve influenciar e moldar as mentes e o senso-comum da sociedade que hegemoniza, a opinião corrente, só o sec. XX poderia criar uma indústria de manipulação das consciências. Desempenhando aquilo que Maquiavel considerou indispensável ao *Príncipe*, a *moralização da necessidade*, os fins justificam os meios, e os meios do *príncipe eletrônicos* são diversos, de televisores a ciberespaços, de celulares a painéis eletrônicos espalhados pela cidade.

A ambigüidade do termo não é por acaso, os meios materiais utilizados pelo *príncipe* são investidos de uma ética utilitarista que visa apenas o lucro, independente das variáveis que se estabelecem entre o produto e o consumidor, entre o





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

consumo e a realização dos desejos individuais e coletivos (os coletivos também são desejantes e implicam numa acomodação do mercado com as demandas de certos grupos sociais, de gênero, de tribo: público de mulheres, de metalheiros, de pessoas da classe A ou B, etc.). Aliás, esse último aspecto é imprescindível em seu projeto de conquista, não se pode pensar um *príncipe moderno* no mundo globalizado sem os meios facilitadores para a expansão dos mercados e das informações, o uso e a produção das tecnologias são inseparáveis de um projeto político, seja ele qual for.

O *príncipe eletrônico* é invisível e ativo, não é nem monolítico nem homogêneo, ele é *orgânico* e *coletivo*, e apresenta, em geral, a visão dos blocos de poder hegemônicos. Seus aparelhos trabalham no sentido da *recepção pública total* e da *eliminação da atitude crítica*, assim como do estabelecimento dos consensos: democracia representativa, livre mercado, liberdade de expressão para os que podem pagar por ela. Em Gramsci, o *príncipe* é o partido da classe operária, suas semelhanças com o *príncipe eletrônico* são puramente formais. Assim como o *príncipe*, o partido da classe operária deve ser orgânico e “instrumentalizar” o operário visando a superação do corporativismo e a tomada da *consciência de classe*, nacional-popular, o partido seria catártico e universalizante, assim como o *príncipe eletrônico*. E ambos hegemonizariam os

*espaços de decisão* dos Estados. No caso do *príncipe gramsciano*, seria necessário o estabelecimento de um poder contra-hegemônico que disputasse, segundo as estratégias de uma “guerra de posições”, a sociedade civil e as brechas que o Estado permite àqueles que o querem suprimi-lo. O *poder* entendido aqui como parte de uma relação de forças que não só reprime, mas incita e induz, um *poder produtivo*, tal qual o projeto da burguesia do sec. XIX que visava “constituir uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares que a compõem”<sup>2</sup>.

Assim como o *príncipe partido* de Gramsci, o *príncipe eletrônico* deve dar um caráter homogêneo à classe que defende e reproduz, aliás, o *príncipe eletrônico* tem como tarefa principal o arranjo da produção e reprodução cultural como puro efeito das demandas do mercado, tudo está relacionado, direta ou indiretamente, ao mercado. Ele deve ser um *intelectual orgânico*, deve distribuir os órgãos do Estado segundo as suas funções específicas e segundo uma moral específica, censurar um programa ou uma empresa pela difusão de um conteúdo preconceituoso ou apelativo é imoral, pois fere a liberdade de expressão da sociedade democrática. O *discurso de verdade* pronunciado por um juiz ou por uma autoridade qualquer em relação a um determinado fato político de fundo social, por exemplo, ele tem mais valor de verdade que a mesma fala





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

articulada por qualquer outro que tenha vivido aquelas injustiças na pele, sofrido os efeitos do acontecimento em seu corpo, ainda que esse discurso tenha um vínculo de coesão com a sociedade como um todo, estrutural ou *maquínico*<sup>3</sup>, vínculo não menos inocente que o comprometimento do juiz com o poder vigente. Ainda que o juiz não diga nada com nada, mas balbucie palavras sem sentido modeladas pelos “vícios de linguagem” da sua profissão, outra forma de dizer *discurso técnico*, essas palavras serão mais sentidas, melhor editadas e elaboradas pelos agentes do *príncipe*, que a fala do oprimido que sofreu as conseqüências da injustiça. Há um poema de Roque Dalton, poeta e lutador salvadorenho, que expressa bem essa relação desigual entre as leis e o povo:

“Las leyes son para que las cumplan los pobres. Las leyes son hechas por los ricos para poner un poco de orden a la explotación. Los pobres son los únicos cumplidores de leyes de la historia. Cuando los pobres hagan las leyes ya no habrá ricos”.  
(DALTON, R. XVI. Poema)

Ainda nesse aspecto o *catártico* adquire dois sentidos, ambos universalizantes, no primeiro supera-se a consciência corporativa, determinada pela divisão social do trabalho no sistema capitalista, para alcançar a consciência da classe produtora, penetrada por relações de exploração e dependência que a burguesia moldou no decorrer dos séculos, no primeiro é a luta de classes que está em

jogo e as táticas necessárias à superação dialética do domínio burguês, o partido deve substituir o Estado como organismo de poder; no segundo, o sentido universalizante é determinado pela idéia-*slogan* da política como espetáculo, espetáculo catártico, onde os homens se liberam de suas tensões e se deixam penetrar pelas idéias difundidas pelos meios de comunicação, é como uma grande rede, uma grande caixa de ressonância onde “as idéias do Estado”, ao menos do *status quo* que organiza o aparato estatal, seus focos principais, suas teias de normalização e de encadeamentos lógicos, que ultrapassam o aparelho e se imiscuem em outros espaços de integração social (a família, a escola, a fábrica), enfim, seu *senso comum*, é reforçado pela aceleração das imagens e das informações, na produção de consensos determinados pelo capital, sem um intervalo ou meio para a formação de visões críticas, de *visionamentos* para além dos horizontes estabelecidos pela mídia, “o capitalismo multinacional nunca deve aparecer como um rival dominador, relativamente aos interesses locais, nacionais ou tribais”<sup>4</sup>.

Não que o espectador seja passível a qualquer informação, mas o *príncipe eletrônico*, assim como os seus antecessores, deve dominar a fortuna, os imprevistos de uma campanha eleitoral, por exemplo. Para isso ele se utiliza de mecanismos os mais sofisticados, das pesquisas estatísticas aos artifícios publicitários. O *príncipe*





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

deve ter o controle sobre a fúria dos rios, suas inundações e suas conseqüências dramáticas para o poder, suas estruturas, seus fluxos de crenças e seus meios de conservação. Nesse ponto específico encontra-se outra diferença entre os *príncipes* históricos de Maquiavel, de Gramsci e de Octavio Ianni, o *príncipe eletrônico* pretende conservar o poder, ainda que através da inovação incessante das técnicas, da mobilização frenética das mídias por mudanças tecnológicas e em seus modos de apreensão das subjetividades, o que, no fundo, é um movimento correlato, as tecnologias sempre produzem formas de subjetivação, assim como são influenciadas por elas. Já os *príncipes* anteriores tinham um projeto contra-hegemônico, progressista, considerando-se as forças políticas e o desenvolvimento histórico da época.

Enquanto o *príncipe* de Octavio Ianni contribui e produz diretamente a mistificação das massas, sem intermediários que traduzam as suas *palavras de ordem*, o *príncipe gramsciano* quer tornar as massas conscientes dessa mistificação, ambos se pretendem reformadores intelectuais e morais, essa reforma, inclusive, deve constituir a estrutura do trabalho e do modo de produção da sociedade como um todo, o projeto de Gramsci, no entanto, se articula com o *despertar da consciência de classe*, da consciência crítica, com a desconstrução do fetichismo da mercadoria, da naturalização das relações

de poder capitalísticas. Enquanto o *príncipe eletrônico* tem na publicidade o seu elixir, a sua “fonte da vida”, ao atuar no nível do *virtual*, na produção de desejos intensificada pela concorrência moldada no individualismo burguês, esse grande personagem decantado pelas novelas, pelos filmes, pelos programas de entrevista e de entretenimento, o *príncipe partido* publiciza o fim da mercadoria como valor de troca nas relações sociais e lucro para os capitalistas, ainda que hajam variações na organização dos grupos sociais que integram os partidos inspirados na teoria *gramsciana*, alguns partidos aceitam e até estimulam a entrada de pequenos e médios comerciantes.

Talvez com o intuito, não explicitamente assumido, mas sugerido pela teoria de Gramsci, de que o partido deve ser um reflexo da sociedade civil, que concreta e historicamente, é plural e heterogênea, por mais que sua dinâmica interna obedeça a uma hierarquia (dirigentes, capitães e soldados) e por mais que essa hierarquia não seja fechada e inflexível, mas atravessada por revezamentos e pelo deslocamento das posições e das funções dos militantes *intelectuais orgânicos*. Para Gramsci, através de um processo gradativo e particular, de acordo com as características e os contextos históricos de cada processo e região, a cada novo movimento geopolítico, o partido deve ser substituído pela sociedade civil. Ainda que essa pluralidade de classes es-





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

teja subordinada à homogeneização dos *discursos* e que todo discurso partidário deva se subordinar aos interesses da classe operária e lute pelos direitos e a construção do poder operário e camponês. Para o *príncipe eletrônico*, ao contrário, as mercadorias devem ser convertidas em ideologias, o mercado em democracia e o consumo em cidadania.

### **Capturas ideológicas: os mitos e a fala do poder**

As *capturas ideológicas* da mídia são sinuosas e diretas. Não se pode demarcar seus laços, a maneira como as idéias passadas pela mídia penetram nas mentes e projetam suas “pequenas verdades”, naturalizadas e reforçadas pelas *disciplinas* e pelos *controles*, tecnologias do sistema, que antes de ser um todo homogêneo, é um conjunto de variáveis que sempre convergem para alguns segmentos constituintes (propriedade privada, livre mercado, desigualdade nas relações sociais e econômicas, etc.). Há sempre um regime de poder, um diagrama coextensivo a todo campo social, “mobilizando” as relações de força que produzem e delimitam os campos e as práticas do poder, assim como as relações entre as formas de saber que o reforçam, os enunciados e as visibilidades aplicáveis a todos os espaços e *substâncias*, em menor ou maior grau<sup>5</sup>. Seria preciso entender a gênese e a maneira como os *signos ideológicos* são produzidos, como eles ganham consistência,

porque são tão repetidos nos bares, nas salas de jantar, nas salas de aula, e quais são os limites dos seus processos.

O mito, como afirmou Barthes, é uma fala, um modo de significação que não se constitui como conceito ou *idéia*, mas como um conjunto ou um bloco de idéias, repleto de sensações e de artifícios discursivos. Por não possuir limites substanciais, o *mito* pode ser tudo. A sua principal função é a de ser apropriado pelas forças, geralmente hegemônicas, transformando-se em *tendência*. O mito da *coca-cola*, por exemplo, um “artefato” propagandístico, marca do imperialismo norte-americano, onde ele se encontra é certo que se criem identidades, contrárias ou favoráveis, músicas de protesto e músicas de amor, poemas e manifestações políticas, apesar de sua funcionalidade puramente publicitária – ao ver-se o símbolo da *coca-cola*, vê-se o *mito* em ação.

É possível estabelecer relações onde o mito é traduzido tanto pelas forças hegemônicas quanto pelas forças de resistência, o cinema criou muito *mitos* e narrativas inspiradas na potência mítica. “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”, filme de Glauber Rocha, de teor assumidamente revolucionário, coloca em disputa projetos políticos distintos, o do povo, o da pequena-burguesia e o da classe dominante, representada pelo coronelismo nordestino. Em seu desenrolar ele apresenta confrontos e afinida-





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

des entre os projetos. Em determinado momento, o intelectual pequeno-burguês militante, personagem ambíguo que vive um conflito entre o seu individualismo e a sua entrega a uma revolução sem esperanças de vitória, é comprado pelo latifundiário, mas rompe esse pacto em seguida e morre junto ao povo, no final. Há nessa relação aspectos que remetem tanto ao individualismo pequeno-burguês, estimulado e movido pelo mercado, quanto ao mito cristão da morte heróica. Outro aspecto interessante desse duelo entre *forças míticas*, que ganha ares metafísicos no combate entre Antônio das Mortes e o último dos cangaceiros, num jogo de resistências imprevistas e de conquistas encenadas à maneira da cultura do sertão nordestino, um duelo entre facções com os lenços amarrados nos lábios, é o papel do “matador de cangaceiros”.

Em “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, filme do mesmo diretor, Antônio das Mortes impede que “o sertão vire mar e o mar vire sertão”, ele oprime e assassina o grito de liberdade contra o horror vivenciado pela miséria perseguindo Corisco, que ao morrer afirma a violência de sua luta ao invocar os poderes do povo. No “Dragão da Maldade”, entretanto, Antônio das Mortes tem a sua “cabeça raspada” por Iemanjá no fundo de uma caverna onde Sebastião, “nascido do fogo no mês de fevereiro”, reconhece a santidade de Antônio como guerreiro e protetor dos pobres. Ele volta ao seio

do povo, afirmando a cultura popular de resistência contra a morte certa por fome ou por sede, contra a opressão dos fazendeiros e a violência do latifúndio, que assinala a sua política mista de assistencialismo e repressão aos movimentos populares<sup>6</sup>. Em suma, ao final do filme, os sobreviventes da luta vêm um *outdoor* da Shell insinuando que a luta não termina e nem começou no sertão nordestino, que o imperialismo é uma força global quase invencível, que está tão presente no latifúndio quanto na rede de negócios internacionais da empresa petrolífera, o *outdoor* da Shell é um símbolo do imperialismo, um mito *encarnado* com toda a sua força no interior de uma estrada semi-deserta de um ponto longínquo do nordeste brasileiro – a última estrada. “*Vou contar uma estória, verdade e imaginação, abra bem os seus olhos pra enxergar com atenção, é coisa de Deus e o Diabo lá nos confins do sertão*”<sup>7</sup>. As teias do capitalismo global são materializadas.

As *falas* no mito são naturalizadas, o seu contexto histórico é deslocado ou negado, o sistema semiológico que lhe dá suporte é arditamente substituído por um sistema indutivo, onde aquilo que é visto ou sentido não pode ser interpretado, mas constatado como um fato incontestado, dotado de uma causalidade entre os significantes e os significados que o encadeiam, “o mito é uma fala roubada por colonização”:





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

“O oprimido faz o mundo, possui apenas uma linguagem ativa, transitiva (política.) O opressor conserva o mundo, a sua fala é plenária, intransitiva, gestual, teatral: é o Mito; a linguagem do oprimido tem como objetivo a transformação, a linguagem do opressor, a eternização”. (BARTHES, R. *Mitologias*, p. 169)

O mito da burguesia, por exemplo, a sociedade anônima, que não quer se reconhecer como burguesia, como detentora dos meios de produção, como agente na exploração do trabalho e na cruel produção de miséria e violência no mundo. A burguesia nunca fala em seu nome, mas em nome da Nação. O mito é uma de suas armas favoritas. A sua fala despolitizada, as tensões sociais desqualificadas ou simplesmente anuladas pelo *fim da história*, no mito, os elementos incorporados são naturalizados e transformados em fatos, em dados inquestionáveis, não se pode, hoje, questionar o fim do capitalismo e do Estado, o mercado é um dado natural do humano, o ser humano torna-se, em todas as épocas, talvez desde o paleolítico, um ser voltado para o consumo. Hoje em dia é normal que se afirme que o *desejo de consumir* está no inconsciente do homem, que é algo além de suas forças, além de qualquer tentativa de transformação política ou econômica. O mito organiza o mundo sem contradições, no lugar da semiótica, linguagem própria da produção de signos, o mito utiliza a lógica indutiva da ciência empírica, transformando o *consenso* defendido pela grande mídia num fenômeno natural.

A mídia se utiliza de mitos a todo momento, para derrubar e eleger presidentes, fabricar democracias ou tiranias, para criminalizar uma população ou um movimento social, *eternizar* a sua fala à margem dos discursos legitimados pelo poder. A terrível campanha mobilizada pela mídia contra o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) é um exemplo, sempre que a imprensa fala ou se dirige ao MST é para denunciar o seu *desvio* em relação àquilo que é aceitável pelos cidadãos de bem, pelo modelo de cidadão de bem produzido pelas mídias, pelas escolas, pela “família tradicional”, ou pelo menos o seu *modus operandi*, em suma, por uma “sociedade sadia”.

O MST é uma ferida aberta no seio do capitalismo que os burgueses insistem em cauterizar, em denunciar cada passo, cada personagem novo que surge em sua defesa, seja um jornal, um filme, um partido, um indivíduo. Primeiramente eles são considerados “invasores” improdutivos, homens e mulheres que poderiam estar trabalhando nas cidades como porteiros, como empregadas domésticas, ou debaixo do sol *sob a chibata* de algum latifundiário que explorasse os seus corpos até a exaustão. A burguesia não aceita que os integrantes do MST querem mais, que eles querem autonomia e uma terra onde possam “plantar seus sonhos”, sem a sombra autoritária do patrão, onde possam se organizar em cooperativas e talvez até superar a produ-







## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

tividade dos padrões, se bem que esse não é o objetivo principal do movimento, que luta, acima de tudo, pelo socialismo, por uma sociedade onde a produção não vai servir de elemento à concorrência e ao mercado capitalista. Tampouco à conservação das desigualdades sociais e econômicas contras as quais o movimento luta, efeitos do mercado capitalista.

A mídia, ao contrário, despolitiza a sua fala e naturaliza as forças de repressão estatais, geralmente coloca como necessária e causal a reação violenta do Estado aos “baderneiros”, àqueles que não respeitam a ordem das coisas, da Nação e de suas leis, neutra e imparcial, do direito inviolável à propriedade e da segurança que as classes-médias tanto querem preservar. Numa clara política de extermínio dos pobres e preservação dos ricos, “uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança”<sup>8</sup>.

No mito, as coisas perdem a lembrança de sua produção, elas perdem o seu caráter sensível, empírico, tornam-se simples *fantasmas* transcendentais, abstratos, mas com uma efetivação pragmática e muitas vezes cruel na realidade. O burguês não é mais burguês, a violência de seu poder é mascarada, ele é a *sociedade produtiva*, como conceituado e legitimado por muitos cientistas sociais, ele é o

empresário, o homem de sucesso, dinâmico, cosmopolita, um democrata nato, como vendido pelas agências publicitárias e pelas produções cinematográficas hollywoodianas e afins, a burguesia se esconde em muitos nomes e arranjos identitários e por ser a classe mais desterritorializada, é também a mais influente:

“A deserção do nome burguês não é portanto um fenômeno ilusório, acidental, acessório, natural ou insignificante: é a própria ideologia burguesa, o movimento pelo qual a burguesia transforma a realidade do mundo em imagem do mundo, a História em Natureza”. (BARTHES, R. *Mitologias*, p. 162)

Segundo Bakhtin, “tudo o que é ideológico é um signo”<sup>9</sup>, o signo sempre remete a algo fora de si mesmo, a um *uso* ou apropriação qualquer que o torna ideológico, em suma, a uma anexação cultural, levando-se em consideração que toda anexação cultural é, antecipadamente, uma forma de padronização e homogeneização dos significados<sup>10</sup>. A própria consciência individual, como nos lembra o autor, está repleta de signos, as consciências são forjadas no material social particular de signos fabricados pelos homens, o signo pensado como um fragmento material da realidade, um fenômeno exterior dotado de uma história e de uma materialidade física, cor, sons, comportamentos. Opera-se uma inversão das concepções idealistas sobre a consciência, onde a matéria seria preenchida por signos emitidos pela consciência:





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

“... a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos”. (BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, p. 33)

A palavra é o signo ideológico por excelência, ela é a expressão da consciência e de sua vida interior, por sua vez, a consciência para exprimir-se, precisa de um meio corporal flexível, onde possa articular e afirmar suas idéias. Em seus movimentos de colonização e de domínio, de marginalização das diferenças culturais e políticas, os Estados precisaram erigir uma linguagem, uma língua majoritária ou dominante, uma gramática que normalize os grupos rebeldes e suas formas de expressão. Toda gramática, antes de ser um modelo sintático, é um modelo político.

É pela palavra, pela língua hegemônica que se dividem e se delimitam os grupos sociais. “A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela. Mas para obedecer e fazer obedecer”<sup>11</sup>. As gramáticas nunca estão separadas de uma educação dos rostos, as regras gramaticais são, antes de tudo, um marcador de poder. Vê-se isso de forma clara nos rostos e na linguagem padrão utilizada pelos apresentadores dos tele-jornais, o *príncipe eletrônico* não poderia deixar passar despercebido esse “detalhe” tão importante, das suas impositões de voz aos figurinos milimetricamente arranjados,

todos os apresentadores passam por um formato que permite algumas alterações de acordo com as suas *personalidades*, outro mito criado pelo individualismo burguês, construído pelas psicologias comportamentais e os horóscopos semanais dos jornais e painéis publicitários, alguns são mais despojados, outros mais sérios e compenetrados, e todo esse “mundo da fantasia” tem como pano de fundo a concorrência e os investimentos de desejo agenciados pela empresa, as sensações de se superar as redes adversárias, o colega ao lado, de sentir-se realizado profissionalmente, de ficar bem com o patrão, todos os prêmios por produtividade, é um mundo do qual poucos querem fugir e muitos querem entrar, até o próximo colapso nervoso ou a próxima crise depressiva, o que, para um ego estimulado e acostumado a ser o centro de todas as atenções, pode ser a *morte*.

E mesmo o teor das matérias noticiadas, quando a matéria é trágica, o apresentador faz um ar de seriedade e a comunica de forma monolítica e lenta, não deixando transparecer o seu estado de espírito no momento, é um automatismo tão hipócrita e desumano que se a próxima matéria contiver alguma “novidade alegre”, geralmente ligada a algum projeto governamental que a emissora apóia<sup>12</sup>, os rostos neutros e focados transmudam-se em grandes sorrisos, muitas vezes acompanhados de comentários leves e entusiasmados sobre as “novida-





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

des” comunicadas pelo subsecretário ou pelo morador satisfeito com o trabalho da prefeitura.

É preciso que eles *ressoem* os discursos de poder do Estado, amplifiquem suas posições e idéias, naturalizando as desigualdades sociais e econômicas que constituem a máquina estatal. É claro que há exceções, alguns programas, geralmente policiais, têm apresentadores que quebram com os padrões estabelecidos pelos tele-jornais principais, estes possuem um discurso *fascista* e um comportamento excessivamente machista e agressivo. E o mais assustador é que eles têm o apoio de boa parte da população, que se reconhece nesse discurso e ainda o estimula.

Seria preciso fazer uma análise política minuciosa, um mapeamento dos fenômenos e das crenças que reforçam esse ódio contra as diferenças, esses focos moleculares que se espalham pelo tecido social, não só do macro-fascismo das polícias e das mídias, o fascismo *molar* de Estado, mas dos micro-fascismos de bando, fascismos de bares, de família, dos *fascismos* inseridos numa teia de relações moleculares que se difundem imperceptivelmente, e que nos surpreendem com a ascensão de um regime nazista ou de uma ditadura latino-americana, estados totalitários estimulados por manifestações populares, dos bandos nazistas espalhados pelas ruas da Alemanha do

pós-guerra, presentes em todas as células da sociedade, à “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade”, amplamente divulgada e apoiada pela grande mídia da época, com discursos que falam de democracia e garantia de direitos<sup>13</sup>.

“É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário. (...) É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas”. (DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 3, pp. 92-93)

O domínio da gramática é outro ponto essencial à imagem que se quer legitimar, as autoridades, aliás, o *homem do poder*, possuem uma palavra empobrecida em relação à linguagem, mas eficiente na ação. É o comando, o príncipe ou o coronel não precisam argumentar para que as suas ordens sejam atendidas prontamente, há toda uma hierarquia que reforça essa ordem. Assim como na mídia, por mais que a gramática seja rica em elementos e em formas de derivação, a sua linguagem é simplificada e direta, não para comunicar, mas para dar e receber ordens. Não se pode comparar a linguagem simplificada da mídia com as linguagens populares ou locais, a linguagem popular só aparentemente é simples, mas contém um número infinito de variações que a tornam tão complexas quanto um poema. Uma mesma palavra, dependen-





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

do da entonação, pode adquirir vários significados, um gesto mínimo do corpo ou um traço de *rostidade* pode alterar o significado de uma frase por completo.

As linguagens populares, as linguagens do cotidiano, espontâneas e movidas por um *fluxo* de variação contínua, foram feitas para comunicar, ainda que, por serem imanentes e passíveis de qualquer tipo de enunciados, também sirvam para comandar. Não é a língua do povo que se acomoda à gramática, ao contrário, é a gramática que acomoda essas variantes à sua estrutura, construindo relações constantes entre os termos. A gramática centraliza e torna homogênea as expressões, incidindo o seu modelo político sobre os conteúdos, é um língua do poder, todos tem que passar por ela para serem aceitos ou levados a sério, “formar frases gramaticalmente corretas é, para o indivíduo normal, a condição prévia para qualquer submissão às leis sociais”<sup>14</sup>. Não existe língua-mãe ou *universais da linguagem*, constantes invariáveis retiradas da variação contínua das línguas, sejam dialetos, gírias ou outras expressões locais, e sim tomada de poder pelos grupos que hegemonizam o Estado, aquisição e submissão das culturas dominadas às suas regras gramaticais e comportamentais.

Esta *lingua pátria*, apesar de todos os artificios circulares que a “encobrem”, toda rede de significantes que extraem

dela “verdades incontestáveis”, fatos no lugar de acontecimentos históricos, símbolos, mecanismos disciplinares, formas que a burguesia tem de tornar-se invisível e se *representar*<sup>15</sup> através da Nação. Esta linguagem hegemônica não é inocente, ela foi fabricada pelos homens, forjada do *fragmento material que produz as ideologias*, ela torna-se *lingua majoritária* de uma maioria entendida não quantitativamente, mas qualitativamente, a maioria é sempre o metro padrão a ser determinado pelos órgãos de poder do Estado, implica uma constante de expressão e de conteúdo (homem branco, falante de uma língua européia, morador de uma metrópole, heterossexual, bem sucedido economicamente...), “a maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário, supõe o metro padrão e não o contrário”<sup>16</sup>.

Por ser uma constante, uma invariante que determina os graus de perfeição contidos nos elementos subordinados a ela ou o modelo ao qual esses elementos devem se enquadrar, ela aparece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável que é por ela avaliada; as *minorias* são o desvio, o *devir minoritário*, as variações criativas que fogem ao modelo, os grupos sociais ou indivíduos que não se encaixam no metro padrão estabelecido, as minorias podem ser maiores em número (mulheres, camponeses, negros...), mas tem sempre que se enquadrar nas coordenadas analíticas determinadas





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

pelo *tipo ideal dos Estados*. A maioria é vazia, como todo modelo, é o *Ninguém* do “Ulisses” de Joyce que está em todos os lugares e em lugar nenhum.

Isso nos remete ao próprio exercício do *falar*, pois que “falar é antes de tudo deter o poder de falar”<sup>17</sup>, nas sociedades com Estado a palavra é o direito do poder, “tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro”<sup>18</sup>, independentemente de sua distribuição binária (príncipe – súditos, senhores – escravos, burguesia – proletariado, dirigentes – cidadãos), é próprio do Estado separar os indivíduos e os grupos em oposições duais com funções e espaços delimitados. Muito além da divisão social do trabalho que separa os grupos sociais em classes, também há divisões secundárias, não menos importantes, que constituem a segmentaridade dura estatal: homens e mulheres, adultos e crianças, cidadãos e imigrantes, prisioneiros e cidadãos livres, centro e periferias; o Estado moderno é inseparável de uma *biopolítica* que determina um corte entre aqueles com direito à vida, a gozar de seus direitos e a utilizar os serviços disponíveis para a conservação e o desenvolvimento de seus corpos e *espíritos*, e aqueles cujos direitos e, em última instância, a vida, é negada.

**Apontamentos: resistências e máquinas de guerra**

Os enunciados são indissociáveis

de práticas discursivas, de regimes de poder associados a saberes específicos, “entre as relações de força que constituem o Poder e das relações de forma que constituem o Saber”<sup>19</sup>. As estratégias de resistência, no entanto, escapam do visível e do enunciável, elas formam outras relações com a palavra e com os espaços onde se inserem, ainda que hajam reterritorializações seguidas da produção de novos enunciados e matérias de visibilidade. Os *black panthers*, grupo de resistência política e cultural afro-americano, para escapar à repressão policial exercida contra a comunidade negra e ao racismo da sociedade norte-americana, teve que reelaborar os enunciados de ação junto à comunidade, reorganizando os seus espaços de acordo com a valorização das pessoas e do coletivo, abolindo palavras e expressões com um teor racista, desterritorializando a língua inglesa (o *black-english* dos guetos reforçado pelos *panteras* é uma variação do inglês dominante e não uma outra língua com códigos e constantes que formariam uma *língua maior* com o mesmo grau de autoritarismo e homogeneização das diferenças). Armando-se contra a violência policial, cavando brechas no sistema que permitissem a autonomia e o desenvolvimento das comunidades, nos bairros dominados pelos *panteras* era comum que a polícia norte-americana recuasse diante de um membro armado do grupo.

A sua potência estava no molecu-





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

lar, em sua militância diária e cotidiana, sua luta espalhou-se pelos estados americanos como um *vírus*, como um *rizoma*, sem centros determinantes, mas através de um tecido fino e flexível de relações não localizáveis, onde o FBI e as polícias estaduais não conseguiam acompanhar os seus movimentos, apesar de suas pretensões molares de uma sociedade comunista. Na verdade, entre o molar e o molecular há ressonâncias e pressuposições recíprocas, nós que enlaçam o virtual contido nas idéias comunistas de uma sociedade igualitária e sem classes com as práticas comunitárias que lutavam contra a demarcação de espaços racistas e as desigualdades no tratamento do Estado norte-americano com as comunidades negras, cada campo interfere no outro de acordo com as suas perspectivas e *modos de ser*, o comunismo, para os *panteras*, deveria ser construído no dia a dia, a partir da micropolítica, e não o contrário.

Os *black-panthers* eram *máquinas de guerra* e de *metamorfose*, assim como o MST, ambos traçaram para si um *plano de consistência*, um espaço liso onde podem se deslocar em composição direta com um fora e linhas de fuga criadoras, revides contra a captura do latifúndio e da repressão policial, outras relações com a política, com a terra, com a comunidade, além das coordenadas e das *sobrecodificações estatais*, além daquilo que o Estado determina como possível, como parte das “regras do jogo”. As verdadeiras lutas

sempre ultrapassam os limites impostos pelo Estado.

Não é num campo de independência, mas de coexistência e concorrência que se deve pensar *a interioridade dos aparelhos de estado identitários* e *a exterioridade das máquinas de guerra de metamorfose*, deve-se pensá-los num campo de perpétua interação. Os movimentos decorrentes dos reinos e dos bandos muitas vezes se confundem. Um mesmo campo pode se inscrever na interioridade de um aparelho estatal, mas descreve sua exterioridade naquilo que escapa ao Estado ou quer conjurá-lo, e *vice-versa*.

A máquina de guerra não se define uniformemente, ela sempre comporta dois pólos principais, num deles, quando a Máquina toma por objeto a guerra, a linha abstrata que a efetua transformar-se em linha de morte e de destruição, sua *potência de metamorfose* é perdida, o inimigo qualquer, seja um indivíduo, uma classe, um grupo, um acontecimento ou o próprio mundo, passa a ser uma constante. Quando isso ocorre os Estados acirram seus aparelhos em nome da contenção do caos e da violência que se propaga.

Os Estados se apropriam da *máquina* transformando-a em *horizonte do mundo*, numa ordem hegemônica na qual os Estados não passam de partes, numa *axiomática* (ex. globalização). No outro pólo, que se dá em “quantidades muito





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

menores”, quando a *máquina* não toma a guerra como objeto e o Estado como um fim, há simplesmente o traçado de uma linha de fuga criadora, a composição de um espaço liso e homens que ocupam e se movimentam nesse espaço. No segundo pólo, que parece ser o da *essência*, a máquina de guerra só encontra a guerra como objeto sintético ou *suplementário*, as revoluções cubana e russa são um exemplo, assim como a guerra civil espanhola, e se dirige contra os Estados e sua *axiomática mundial*. A máquina de guerra não está em relação direta com a guerra, para ser uma máquina de guerra de metamorfose é preciso que ela não se reduza ou seja capturada pela guerra e seus fins, sempre condicionados ao aniquilamento e a dominação de *outrem*.

A política consistente é aquela que elabora novos agenciamentos materiais, novas possibilidades de vida, e luta pela afirmação dos direitos correspondentes. Ela é indissociável do acontecimento e é antes de tudo uma política que procede através de linhas de fuga locais, singulares, que se ligam por acúmulo de vizinhanças (mulheres, negros, operários, homossexuais, camponeses...). O acontecimento, por sua vez, é um estado instável que sempre se abre para um novo *campo de possíveis*, “o possível como emergência dinâmica do *novo*”, de novas possibilidades de vida, novos modos de existência imanentes que participam de uma distribuição singular dos afetos. O

*possível* sempre remete à potência, são mutações perceptivas e afetivas, “novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...”.

Um acontecimento político é do mesmo tipo, é sempre uma nova distribuição dos afetos, uma nova circunscrição do intolerável. Primo Levi, ao narrar os horrores do nazismo, nos aponta o intolerável – “a vergonha de ser um homem, de fazer parte de uma humanidade que produziu o holocausto”.



### Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A Indústria Cultural – A Mistificação das Massas no Capitalismo*. Trad. de LIMA, Luiz Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (s/d).
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. de BUONGERMINO, Rita e SOUZA, Pedro de. Rio de Janeiro: Difel, (s/d).
- Bakhtin, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de LAHUD, Michel e VIEIRA, Yara Frateschi. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. São Paulo: Campus, (s/d).





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. São Paulo: Francisco Alves, (s/d).

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. de Pál Pelbart, Peter. Rio de Janeiro: 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. Trad. de Elói Duarte, Pedro. Lisboa: edições 70, 2005.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 5)*. Trad. de Pál Pelbart, Peter e Caiafa, Janice. Rio de Janeiro: 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 3)*. Trad. Coordenada por Oliveira, Ana Lúcia de. Rio de Janeiro: 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 2)*. Trad. de Oliveira, Ana Lúcia de e Cláudia Leão, Lúcia. Rio de Janeiro: 34, 1995 - B.

Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. de Ramalhette, Raquel. Petrópolis: Vozes, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Trad. de COUTINHO, Carlos Nelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

IANNI, Octavio. *O Príncipe Eletrônico* in: *Enigmas da Modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Maquiavel. *O Príncipe*. Trad. de Nasseti, Pietro. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.

MARX, Karl. *O Capital*. Trad. de BARBOSA, Regis e KOTHE, Flávio R. São Paulo: São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Ideologia Alemã (I – Feuerbach)*. Trad. de BRUNI, José Carlos e

NOGUEIRA, Marco Aurélio. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

### Notas

<sup>1</sup> Entendendo-se o termo *essência* não como um fator determinante, no sentido causal, mas como um elemento constituinte dos efeitos produzidos pela mídia.

<sup>2</sup> DELEUZE, G., *Foucault*, p. 98.

<sup>3</sup> Entendendo-se o próprio Estado, desde a sua invenção no período neolítico, *Urstaat* ou *Çatal Hüyük*, na Anatólia, como um “sistema de *servidão maquínica*: a primeira “megamáquina”, como assinala Mumford. Prodígiosa vitória de um só golpe: os outros Estados serão tão-somente abortos em relação a esse modelo” in: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 5, p. 116.

<sup>4</sup> Ianni, Octavio. *O Príncipe Eletrônico* in: *Enigmas da Modernidade*, p. 151

<sup>5</sup> FOULCAULT, M., “Qual a admiração pela prisão se assemelhar às fábricas, às escolas, às casernas, aos hospitais, e que todos se pareçam com prisões?” in: *Vigiar e Punir*, p. 207.

<sup>6</sup> Em certo momento do filme, o latifundiário, personagem vivido por Jofre Soares, após reprimir uma manifestação popular, distribui remédios e mantimentos ao povo. Ao mesmo tempo em que ele tenta comprar o apoio das massas, ele







## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

grita: “Eu sou um homem bom, acreditem em mim, eu sou um homem bom...” Numa síntese da “política coronelista” das elites que dura até os dias de hoje, mas com “roupagens” novas.

<sup>7</sup> Trecho do filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol” cantado por um repentista.

<sup>8</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*, vol. 3, p. 94.

<sup>9</sup> BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, p. 31.

<sup>10</sup> “O denominador “cultura” já contém, virtualmente, a tomada de posse, o enquadramento, a classificação que a cultura assume no reino da administração”. HORKHEIMER, M., e ADORNO, T.W. *A Indústria Cultural – O Iluminismo como Mistificação das Massas*, p. 179.

<sup>11</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*, vol. 2, p. 12.

<sup>12</sup> Um exemplo disso é a campanha favorável ao Choque de Ordem que a Rede Globo apóia explicitamente, manipulando as informações e omitindo outras, criando uma verdadeira comoção entre os moradores proprietários de imóveis das regiões afetadas sobre a valorização das suas propriedades e a necessidade de se “limpar” as ruas das populações marginalizadas. Uma limpeza étnica e social patrocinada pelos governos e pelos meios de comunicação.

<sup>13</sup> “Ontem, São Paulo parou. E foi à praça

publica - porque “a praça é do povo” - numa mobilização que envolveu meio milhão de homens, mulheres e jovens, também de outros Estados: a “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade. (...) O repúdio a qualquer tentativa de ultraje à Constituição Brasileira e a defesa dos princípios, garantias e prerrogativas democráticas constituíram a tônica de todos os discursos e mensagens dirigidos das escadarias da catedral aos brasileiros, no final da passeata”. Publicado na Folha de São Paulo, sexta-feira, 20 de março de 1964. Fonte: Banco de Dados Folha – Acervo On line.

<sup>14</sup> DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 2, p. 46.

<sup>15</sup> Não no sentido filosófico abstrato, mas político e eleitoral, concreto e empírico. A própria idéia filosófica de representação tem o seu histórico ideológico, as suas “intenções secretas”. A representação, na maioria dos sistemas filosóficos, é uma idéia vaga de um determinado objeto ou de um conjunto de objetos, seja uma imagem metafísica do mundo como o *Eidós* platônico, uma cadeira, uma árvore, etc. Assim como a própria dinâmica da democracia representativa burguesa, os candidatos eleitos, independente do sistema ao qual eles estão subordinados, seja a social-democracia europeia ou o “coronelismo” brasileiro, sempre tem uma vaga idéia do que acontece com o povo e seu dia-a-dia, sua micropolítica e o





## Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

---

efeito das políticas públicas sobre a população, dadas as estruturas de poder que o circundam e a elitização dos espaços políticos edificados pelo aparato estatal e re-produzida pelas redes de poder que ultrapassam a ação do Estado. É possível até falar de uma *Paidéia* burguesa onde o próprio indivíduo é uma vaga representação do homem e suas potencialidades, o indivíduo seria antes um homem marcado e estratificado pelo Estado.

<sup>16</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 2, p. 52.

<sup>17</sup> CLASTRES, P. *A Sociedade contra o Estado*, p. 106.

<sup>18</sup> *idem*.

<sup>19</sup> DELEUZE, G. *Foucault*, p. 100.

